

ESPAÇO DE GÊNERO NA “MATAÇÃO” DOS ANIMAIS DA FOLIA DE REIS, SILVIANÓPOLIS (MG)

Roberta Sampaio Guimarães*

Fernandes é um bairro rural do município de Silvianópolis (MG) habitado predominantemente por agricultores e criadores de gado. Lá, como em diversas pequenas localidades mineiras, a viagem mítica dos Santos Reis Magos é festejada em um circuito religioso específico componente do catolicismo popular.

A Folia de Reis inicia sua jornada em dezembro, pouco antes do Natal, e tem seu ápice em uma grande festa dia 06 de janeiro. Durante o período, foliões tocam, cantam e rezam em sítios, casas e pontos comerciais para anunciar o nascimento de Deus Menino, recolher donativos para a festa e abençoar os doadores e seus familiares. Nesse contexto festivo e religioso, a oferta, morte, preparo e consumo de animais participam de um amplo sistema de trocas de dádivas e contra dádivas entre divindades, mortos e humanos (Mauss, 2003).

Os espaços de trabalho masculinos e femininos são ritualmente demarcados ao longo de toda a folia, inclusive durante a “matação” dos animais realizada na véspera da festa. Opostos e complementares, tais espaços são entendidos como princípios de organização eficazes na garantia da ordem, da harmonia e da coesão social (Granet, 1997).

Logo pela manhã os homens conduzem os bois ofertados aos santos a uma área aberta próxima do curral, espaço liminar entre o sítio domesticado e o sertão selvagem. Ali, se unem para matar e cortar a carne em pedaços menores, possibilitando que sejam transportadas em uma carroça puxada por trator até um galpão de corte. Os bois possuem as carnes mais valorizadas da festa, simbolizando a fartura e o sucesso da Folia de Reis. Seu privilegiado status pode ser percebido na forma de preparo e consumo: a carne é normalmente assada e servida como prato principal da festa. Durante o abate dos bois as mulheres são evitadas, por serem consideradas

mais propensas a sentir “pena do boi”, o que dizem aumentar seu sofrimento. A presença feminina é assim associada a uma *poluição* (Douglas, 1976), capaz de colocar em risco o bem-estar do animal sagrado e, conseqüentemente, o ritual de abate.

Somente depois do abate dos bois as mulheres realizam a matança de dezenas de galinhas no espaço doméstico do quintal. Algumas seguram as pernas das galinhas para que as mais experientes desloquem seus pescoços. Em seguida, todas depenam e depositam as aves em grandes bacias para que sejam lavadas em um tanque. Tais animais não são especialmente valorizados na festa: seu preparo costuma passar por processo de cozimento e compor a comida com outros alimentos, na forma de ensopados. Os homens evitam igualmente esse espaço de matança e cozimento, pois o trabalho considerado de pouco esforço físico envolvido na preparação das galinhas é simbolicamente associado à falta de virilidade.

O registro fotográfico da “matação” no bairro dos Fernandes foi realizado por mim em janeiro de 2003, em diálogo com o trabalho etnográfico de Luzimar Paulo Pereira publicado na dissertação de mestrado *Os andarilhos dos Santos Reis: Um estudo etnográfico sobre Folia de Reis, sistema de prestações totais e bairro rural* (CPDA/UFRRJ, 2004).

REFERÊNCIAS

- GRANET, Marcel. 1997. *O pensamento chinês*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- MAUSS, Marcel. 2003. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.
- DOUGLAS, Mary. 1976. *Pureza e perigo*. São Paulo: Ed. Perspectiva.

* Professora e pesquisadora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: guimaraes_45@yahoo.com.br







